

PRÓS E CONTRAS NO SEGREDO DA RUA D'O SÉCULO

Avraham Milgram

ANTÓNIO LOUÇÃ
ISABELLE PACCAUD

**O Segredo da
Rua d'O Século –
Ligações Perigosas
de Um Dirigente
Judeu com
a Alemanha Nazi
(1935-1939)**

Lisboa,
Fim de Século,
2007, 224 páginas

A 18 de Fevereiro de 1935, o jornal *O Século* publicou um caderno especial dedicado à nova Alemanha de Hitler. O facto eventualmente passaria despercebido não fosse Moses Bensabat Amzalak, um dos proprietários do jornal, o líder e presidente da Comunidade Israelita de Lisboa (CIL). Dos três proprietários d'O Século, êle foi o único «privilegiado» com a condecoração da Cruz de Mérito de Primeira Classe da Cruz Vermelha Alemã, outorgada pelo embaixador Oswald von Hoyningen-Huene, por serviços prestados à Alemanha. António Louçã é co-autor do livro *O Segredo da Rua d'O Século*, com Isabelle Paccaud, e quem primeiro revelou o caso em oito páginas do seu livro anterior¹ publicado em 2005. Na ocasião, os fatos descritos eram pouco mais do que acusações sensacionalistas com o propósito de revelar os laços de boas relações que Amzalak mantinha com a legação nazi em Lisboa. O resultado foi polémico², e o autor viu-se na obrigação de provar e fundamentar suas alegações. Principalmente, por estarem baseadas nas diatribes de um dos mais ferrenhos críticos e opositores de Amzalak no período da guerra, Isaac Weissman, refugiado e automeado representante do Congresso Judaico

Mundial em Lisboa, de 1941 ao final da II Guerra Mundial.

O Segredo da Rua d'O Século é o resultado deste desafio e a versão completa do episódio relatado no livro anterior, e o que parecia ser um «deslize» na vida de Moses Amzalak, quando a Alemanha perseguia seus cidadãos judeus. Neste ponto, Louçã não ficou a dever. Ele trouxe provas contundentes sobre a natureza das relações entre Amzalak e o embaixador nazi. Discorreu sobre o pano de fundo que o agra-



ciou com a condecoração alemã, acrescido do insólito pedido ao embaixador, em 1937, dois anos após ser condecorado, para obter cópia de lapela da mesma.

UM JUDEU CONDECORADO PELO III REICH

A narrativa dos factos não está livre de obsessão iconoclástica, aliás, prometida e anunciada na introdução e cumprida nos primeiros dois capítulos. Menos evidentes são as razões que explicam a interacção entre os protagonistas, Amzalak de um lado e o embaixador alemão do outro: (1) O que motivaria o embaixador alemão a condecorar um judeu quando a política de seus mandatários visava humilhar, denegrir e perseguir os judeus? E o embaixador, como está patente no livro, não o fez desautorizado, pelo contrário, recebeu o aval de seus superiores de Berlim. (2) Mais difícil é compreender a atitude de Amzalak. Que razões teria para colaborar com a legação alemã da forma como o fez? Projetar e difundir uma imagem positiva da Alemanha nazi nas páginas d'O Século? Abrir as portas do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (ISCEF), que Amzalak era seu patrono, facilitando a propaganda alemã e a participar de eventos organizados pelo embaixador Hoyningen-Huene? E a condecoração recebida em 1935, com o pedido de outra cópia em 1937? São questões parcialmente respondidas pelos autores que mais do que explicar os porquês se esforçaram em provar a veracidade e a incontestabilidade das acusações anteriores.

O *affair* das relações de Amzalak com a legação alemã em Lisboa ocorreu entre 1935 e 1937, quandourgia à diplomacia

alemã projectar imagens de estabilidade, renovação e respeitabilidade da Alemanha. O ministro dos Negócios Estrangeiros do III Reich, Konstantin von Neurath, veterano diplomata, nacionalista e conservador, foi instrumental para este fim. Em Lisboa, o embaixador Oswald von Hoyningen-Huene, que também carregava um «von» aristocrático de conservador em seu nome, cumpriu a missão com muito êxito, pelo menos até o Anschluss da Áustria. E o fato de Moses Amzalak, figura importante nos meios económicos e políticos portugueses, haver colaborado, mesmo pertencendo a «raça inimiga», era, à altura, um compromisso suportável ao MNE alemão. De 1938 em diante, com a radicalização da política externa alemã que exigiu a substituição do «frouxo» von Neurath pelo fanático Ribbentrop, compromissos desta natureza tornar-se-iam impossíveis. Amzalak, o quanto sabemos, não deixou registos pessoais, notas, diários ou memórias. Louçã, portanto, reconstituiu suas predileções ideológicas a partir da sua atuação política e de matérias programáticas publicadas nos editoriais d'O Século, extensamente citados no livro, que provavelmente receberam seu aval político e ideológico. O Século, a serviço das idéias autoritárias, deixa transparecer um Amzalak identificado com o anti-republicanismo e a contra-revolução, dentro e fora de Portugal. Por aí se deduz que ele via na Alemanha um dique capaz de conter o avance comunista e as frentes populares socialistas antifascistas que se opunham às tendências fascistas no mundo todo. Eventualmente seria este um dos motivos para colaborar com o embaixador alemão.

Amzalak poderia ter usado suas prerrogativas de dono e editor d'O Século para criticar e protestar as injustiças cometidas pelos nazis contra os judeus, mas não o fez. A preocupação com a política, com a Kulturkampf entre a esquerda e a direita, e o choque inevitável que vinha ocorrendo entre as democracias e as ditaduras nazi-fascistas pesaram mais. Também Pacelli, secretário-geral do Vaticano e futuro papa Pio XII, se absteve de criticar a Alemanha quando esta arruinava instituições, valores e a vida dos católicos, principalmente após a assinatura da concordata de 1933. Pacelli também via na Alemanha um baluarte contra o comunismo. Ambos se iludiram e falharam.

UM QUADRO INCOMPLETO

O terceiro capítulo do livro desacredita todos os vinculados com Amzalak no trabalho de auxílio aos refugiados, ímpeto que levou o autor a cometer erros de investigação. Louçã usou as críticas de Isaac Weissmann e de seus colaboradores, também refugiados, contra a CIL e os responsáveis pelo auxílio aos refugiados em Lisboa sem filtrá-las, compará-las e examiná-las à luz da documentação mais ampla que existe a este respeito nos arquivos da PVDE, de Salazar e da CIL. O resultado é uma distorção da realidade histórica. Refugiados necessitados e dependentes de fundos de previdência, de instituições de caridade, etc., jamais sentir-se-ão satisfeitos com o que recebem. Isto é verdade para qualquer país e em qualquer circunstância, muito mais nos dias de carência causados pela e durante a guerra. O uso parcial da documentação, oriunda de um pequeno grupo

de refugiados, marginal e insatisfeito, resultou na demonização daqueles que se ocuparam com a obra de auxílio aos refugiados. Há documentos que mostram os chefes da PVDE acusando Elias Baruel, parente direto de Amzalak e diretor da Secção de Auxílio aos Refugiados, de colaboração com os ilegais em lugar de denunciá-los à polícia, que era seu dever, segundo a PVDE, alegando ser inaceitável tal comportamento de uma instituição portuguesa. E quem ao final os revelou à PVDE, em Dezembro de 1942, foi Weissman. Note-se a contradição, a CIL, instituição legal, que em certos casos atuou contra as diretrizes oficiais, por razões humanitárias, foi severamente criticada pela PVDE enquanto Weissman fazia o trabalho para a polícia. Os papéis se inverteram. O caso Ericeira, no entanto, resultou positivo: a legalização da estadia dos ilegais, a libertação de vários deles das prisões e sua transferência à residência fixa de Ericeira. Porém, naqueles dias, os ilegais recebiam que a polícia os extraditasse para território inimigo e assassino. Há outros documentos que refletem a ajuda sistemática da Secção de Auxílio aos presos no Forte de Caxias, Aljube, etc. Semanalmente comparecia alguém da Secção para confortá-los, ajudá-los e fazer companhia a eles nos dias festivos do calendário judaico. Há cartas de Baruel à PVDE solicitando a libertação de presos. Ou seja, o quadro é mais complexo do que o descrito no livro. Weissman e Amzalak eram dois bichos que não se beijavam, dois opostos. O primeiro era sionista convicto enquanto Amzalak representava o establishment diaspórico. Enquanto tal, Weissman fazia de tudo para encami-

nhar os refugiados à Palestina do Mandato Britânico. Weissman era refugiado enquanto Amzalak era bem estabelecido, produto e cerne da sociedade portuguesa. Weissman representava uma organização com coloração política antifascista, de combate ao anti-semitismo, o Congresso Judaico Mundial (WJC) e exigia um posicionamento igual de uma comunidade que estava inserida num contexto oposto ao seu. E mais, o WJC não tinha verbas suficientes para auxiliar os refugiados em Portugal como a JOINT e a HICEM, o que tornava Weissman supérfluo, e pior, dependente das organizações que ele criticava e atacava, o que deixava-o fora de si. Weissman, ao tomar conhecimento das relações de Amzalak com o embaixador alemão, associou-o ao *ethos* de judeus assimilados, alienados e insensíveis à sorte dos perseguidos. Weissman não só estava mais informado do que Amzalak sobre o destino trágico do judaísmo europeu, como o auxílio e salvação dos judeus perseguidos nos países sob ocupação nazi e a proposta sionista como solução à condição judaica, eram a razão de ser de suas atividades. Amzalak via unicamente o contexto português. Não surpreende, portanto, que

Weissman tenha descodificado mais lucidamente os problemas acúticos do judaísmo e de seu futuro nacional do que Amzalak.

A primeira parte do quarto capítulo do livro trata dos judeus fascistas na Itália de Mussolini e, na segunda, da sua contra-moeda, dos judeus antifascistas que batalharam na Guerra Civil de Espanha. Ambos assuntos não fazem parte do tema do livro. Ou seja, Louçã quer mostrar que havia outros judeus fascistas, além de Amzalak, principalmente na Itália, e vice-versa, que não poucos judeus detinham atitudes políticas opostas às de Amzalak. Pode-se constatar, que entre as duas guerras, a maioria dos judeus tendiam a ser antifascistas. Na Itália, até 1938, e no Portugal moderno, o anti-semitismo era insignificante. Em contraposição, nos estados autoritários, virulentamente anti-semitas e semifascistas como a Roménia, a Polónia, a Hungria e outros do Leste europeu, raramente havia judeus fascistas. Donde se conclui que, onde não havia anti-semitismo oficial, encontraremos judeus atuando nas diversas cores (políticas) do arco-íris, de comunistas até fascistas. E nisto, os judeus não eram diferentes dos outros. **Rei**

NOTAS

¹ «Moses Amzalak, entre a contra-revolução e o colaboracionismo». In *Conspiradores e Traficantes*. Lisboa: Oficina do Livro, 2005, pp. 60-68.

² VIANA, Clara – «Líder judaico acusado de colaborar com a Alemanha nazi». In *Público* (revista *Pública*), pp. 56-61, 25 de Setembro de 2005.